

LITURATERRA [Resenha: 2025, 2]

Em busca do oriente perdido revisitado

Gisálio Cerqueira Filho*

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

LITURATERRA [Resenha : 2025, 2]

As resenhas, passagens literárias e passagens estéticas em *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* são editadas na seção cujo título apropriado é LITURATERRA. Trata-se de um neologismo criado por Jacques Lacan,¹ para dar conta dos múltiplos efeitos inscritos nos deslizamentos semânticos e jogos de palavras tomando como ponto de partida o equívoco de James Joyce quando desliza de *letter* (letra/carta) para *litter* (lixo), para não dizer das referências a *Lino*, *litura*, *liturarios* para falar de história política, do Papa que sucedeu ao primeiro (Pedro), da cultura da *terra*, de estética, direito, literatura, inclusive jurídicas – canônicas e não canônicas – ainda e quando tais expressões se pretendam distantes daquelas religiosas, dogmáticas, fundamentalistas, para significar apenas dominantes ou hegemônicas.

LITURATERRA [Reseña : 2025, 2]

Las reseñas, incursiones literarias y pasajes estéticos en *Passagens: Revista Internacional de Historia Política y Cultura Jurídica* son publicadas en una sección apropiadamente titulada LITURATERRA. Se trata de un neologismo creado por Jacques Lacan para dar cuenta de los múltiples efectos introducidos en los giros semánticos y juegos de palabras que toman como punto de partida el equívoco de James Joyce cuando pasa de *letter* (letra/carta) a *litter* (basura), sin olvidar las referencias a *Lino*, *litura*, *liturarios* para hablar de historia política, del Papa que sucedió al primero (Pedro), de la cultura de la *terre* (tierra), de estética, de derecho, de literatura, hasta jurídica – canónica y no canónica. Se da prioridad a las contribuciones distantes de expresiones religiosas, dogmáticas o fundamentalistas, para no decir dominantes o hegemónicas.

* Professor Titular de Teoria Política da Universidade Federal Fluminense. Editor de *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. E-mail: gisalio.cerqueira@gmail.com.

📧 <http://lattes.cnpq.br/9669367639065429>. 🌐 <https://orcid.org/0000-0001-5047-4376>

¹ LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 11-25; LACAN, Jacques. *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001.

Recebido em 03 de dezembro de 2024 e aprovado para publicação em 04 de janeiro de 2025.



LITURATERRA [Review: 2025, 2]

The reviews, literary passages and esthetic passages in *Passagens: International Journal of Political History and Legal Culture* are published in a section entitled LITURATERRA [Lituraterre]. This neologism was created by Jacques Lacan, to refer to the multiple effects present in semantic slips and word plays, taking James Joyce's slip in using *letter* for *litter* as a starting point, not to mention the references to *Lino*, *litura* and *liturarius* in referring to political history, to the Pope to have succeeded the first (Peter); the culture of the *terra* [earth], aesthetics, law, literature, as well as the legal references – both canonical and non-canonical – when such expressions are distanced from those which are religious, dogmatic or fundamentalist, merely meaning 'dominant' or 'hegemonic'.

LITURATERRA [Compte rendu : 2025, 2]

Les comptes rendus, les incursions littéraires et les considérations esthétiques *Passagens. Revue Internationale d'Histoire Politique et de Culture Juridique* sont publiés dans une section au titre on ne peut plus approprié, LITURATERRA. Il s'agit d'un néologisme proposé par Jacques Lacan pour rendre compte des multiples effets inscrits dans les glissements sémantiques et les jeux de mots, avec comme point de départ l'équivoque de James Joyce lorsqu'il passe de *letter* (lettre) à *litter* (détritus), sans oublier les références à *Lino*, *litura* et *liturarius* pour parler d'histoire politique, du Pape qui a succédé à Pierre, de la culture de la *terre*, d'esthétique, de droit, de littérature, y compris juridique – canonique et non canonique. Nous privilégierons les contributions distantes des expressions religieuses, dogmatiques ou fondamentalistes, pour ne pas dire dominantes ou hégémoniques.

文字国 [图书梗概 : 2025, 2]

Passagens 电子杂志在“文字国” 专栏刊登一些图书梗概和文学随笔。PASSAGENS— 国际政治历史和法学文化电子杂志开通了“文字国” 专栏。“文字国” 是法国哲学家雅克·拉孔的发明, 包涵了语义扩散, 文字游戏, 从爱尔兰作家詹姆斯·乔伊斯 的笔误开始, 乔伊斯把 letter (字母/信函)写成了 litter (垃圾), 拉孔举例了其他文字游戏和笔误, lino, litura, liturarios, 谈到了政治历史, 关于第二个教皇(第一个教皇是耶稣的大弟子彼得), 关于土地的文化 [Cultura 一词多义, 可翻译成文化, 也可翻译成农作物], 拉孔联系到美学, 法学, 文学, 包括司法学— 古典法和非古典法, 然后从经典文本延伸到宗教, 教条, 原教旨主义, 意思是指那些占主导地位的或霸权地位的事物

LITURATERRA [Rezension : 2025, 2]

Die Rezensionen, literarischen Passagen und ästhetischen Passagen in *Passagens: International Journal of Political History and Legal Culture* werden in einer Rubrik veröffentlicht, die den Titel LITURATERRA trägt. Dieser Neologismus wurde von Jacques Lacan kreiert, um die vielfältigen Auswirkungen semantischer Ausrutscher und Wortspiele zu beschreiben, wobei er von James Joyce' Äquivokation ausgeht, wenn er von Brief (*letter*) zu Wurf (*litter*) rutscht, ganz zu schweigen von den Verweisen auf *Lino*, *litura*, *liturarios*, um über die politische Geschichte, den Papst, der dem ersten (Petrus) folgte, die Kultur des *Landes* (earth), die Ästhetik, das Recht, die Literatur, sogar die juristischen - kanonischen und nicht-kanonischen - zu sprechen, auch wenn diese Ausdrücke sich von den religiösen, dogmatischen, fundamentalistischen, nur herrschenden oder hegemonialen distanzieren sollen.

Em busca do oriente perdido revisitado

Gisálio Cerqueira Filho

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Em busca do Oriente perdido. *Sociologia e Política: Textos para discussão*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 235-264, 1988.



“Conhecia... o sáurio, lagartixa que, quando está velha e ficam cegos os seus olhos, entra no buraco de uma parede que dá para o Oriente ao sair do sol, olha para ela, se esforça para ver e... recobra a vista” (Carpentier, 1987).

Introdução

Com esse texto havíamos iniciado uma publicação interna para a divulgação e discussão do Departamento de Sociologia e Política da PUC- RIO no final da década de 1980 (Cerqueira Filho, 1988). Nosso objetivo então era circular e estimular textos no âmbito universitário para, num primeiro momento, e colocá-lo no debate político em toda a sociedade. Àquela altura professores e pesquisadores vinham se dedicando aos estudos sobre o Brasil e, sobretudo ao pensamento político e a história do pensamento social brasileiro. Trabalhamos autores e temáticas diversas implicadas nos processos de produção social de ideias e cultura. Todavia buscamos, não há dúvida, nosso empenho se realiza mesmo na imaginação sociológica, sem nunca perder de vista a História. Escavar em busca de autores e temas que foram indevidamente enterrados; este o projeto que nos faz correr o mundo, sempre decididos ao debate que possa ser frutífero.

Recuperamos, então, o comentário crítico que estabelecemos acerca de um texto instigante e criativo de Luiz Jorge Werneck Viana, produzido no contexto histórico dos debates parlamentares constituintes que procuravam caminhos para superação de entulhos autoritários deixados como restos conservacionistas desde o fim da ditadura militar. Trata-se do ensaio “A questão nacional e a democracia: o ocidente incompleto do PCB” (Viana, 1988).

Para muito além de um acerto de contas com o Partidão (Partido Comunista Brasileiro - PCB), o ensaio “A questão nacional e a democracia: o ocidente incompleto do PCB” é um convite para o debate político da conjuntura a que nos ronda. A problematização da democracia como valor universal confrontada com a questão nacional, e a radicalização democrática seriam para Werneck Viana pré-condição de renovação dos comunistas, mas antes de tudo apontaria para um processo que é crescente de modernização, cuja completude de sua ocidentalização está a exigir a “incorporação” dos banidos e deserdados da cidadania pela forma autoritária e elitista com que foi imposto pelo capitalismo. Tal seria para ele a marca do orientalismo. Certamente este seria o caminho para o que o autor chama de modernização revolucionária (Viana, p. 42) em oposição à modernização reacionária ou prussiana. Se nem tudo o que é moderno é nacional e muito menos democrático, em tudo que é democrático é moderno. Moderno agora é o democrático...

Segundo Luiz Werneck Viana, a completude do processo de transição política se dá no terreno da democracia e não da questão nacional. Esse seria o equívoco renovado de Luís Carlos Prestes: a retomada da questão nacional. Esta retomada teria permitido que, designando-se como centro do comitê central, isolasse e afastasse os adeptos de Prestes (prestistas), após assimilar a direita do Partido Comunista Brasileiro (PCB), isto é, adeptos da democracia. Portanto, para o autor, um tal desfecho aponta-o sim para o Ocidente.

Não incorpora definitivamente a radicalização democrática, calcanhar de Aquiles sob a hegemonia política neoliberal (Viana, p.70). Por isso mesmo esse conhecimento incompleto é insatisfatório para o PCB, na busca de um não alinhamento plenamente ocidental. Não seria o ocorrido, uma precipitação que arrastava o PCB para as diretrizes de Michail Gorbachev. A “*perestroika e a glasnot*” numa perspectiva de mudança para os novos caminhos visando o novo socialismo a ser abraçado pela comunidade europeia. Tratava-se de uma esperança!

Werneck Viana desenvolve o seu raciocínio num texto claro e elegante. Texto grávido de imaginação sociológica. Por isso, o desfecho é incompleto e insatisfatório para o PCB na busca de um alinhamento plenamente ocidental como desejava.

As noções de Ocidente e Oriente já estavam presentes desde o tempo dos escritos políticos de Maquiavel. Ao reivindicar para o pensamento moderno a singularidade das nações do Ocidente e Oriente, Werneck Viana já renunciava para onde a sua lógica nos conduz. Este horizonte é certamente o da modernização que não deve mais ser representado em termos convencionais. Do atraso de um (Oriente) em relação ao outro (o Ocidente). Se esta perspectiva política se inscreve sobretudo na abordagem de Antonio Gramsci, no marco das maiores ou menores possibilidades para mudanças revolucionárias, não podemos deixar de sublinhar as consequências de utilização reiterada de metáforas tão significativas ao imaginário social, ainda que aspirando traduzirem-se enquanto noções na teoria sociológica. É que ambas as noções são noções subjacentes. Montesquieu, Karl Marx, em determinados textos de Max Weber, Lênin. Gramsci, Louis Dumont – (este com uma boa parte da produção antropológica contemporânea; ou social, são também significantes metafóricos que tem a sua pregnância no discurso político enquanto representantes das representações (Cerqueira Filho, 1988). Não é ocioso afirmar a pertinência dos procedimentos metafóricos e metonímicos na teia que tece o discurso científico como mais autêntico como em toda a ideologia (Albuquerque, 1980). Assim as noções metafóricas do Ocidente e Oriente se inscrevem em dois momentos da discussão política; um primeiro tempo relacionado ao processo de modernização em si mesmo e ao seu

desenvolvimento no espaço geográfico do Ocidente que acaba por ser extrapolado. Um segundo tempo vinculado à ocidentalização, remeteria a modernização do espaço colonial do Oriente. Aqui também o critério geográfico que alude à expressão espaço fica extrapolado. Para A. Gramsci uma experiência crônica da situação de crise, uma fraca integração da sociedade através do consenso, uma forte presença de coerção caracteriza uma sociedade amorfa ou gelatinosa (Oriente); seria desaconselhável chamar de guerra de posição; o mais indicado é designar guerra de movimento. A modernização ocidental é então identificada com a radicalização democrática, cabendo a forma do Ocidente, a democracia política. Esta é a sua função e o seu limite, sempre latente a possibilidade dos recursos políticos orientais. A utilização vai a esses recursos políticos, especificamente orientais e visaria na percepção do autor, a sua própria negação. Werneck Viana propõe que o processo de modernização não seja compreendido em termos extremamente estritos e econômicos. Uma tal leitura - o marxismo estalinista - apontaria para uma estratégia revolucionária insurrecional desligada das condições objetivas de conjuntura. Este dogmatismo faria do marxismo um modelo formalista de análise, incapaz de dar conta de todas as sutilezas das situações orientais, inclusive de tirar partido destas mesmas condições.

Propomos refletirmos, primeiramente, sobre as consequências de se fazer do moderno e da modernização a fonte de inspiração última da opção democrática radicalizada. Em segundo lugar, uma discussão sobre a eficácia dos recursos políticos orientais na realização da completude ocidental do PCB e finalmente em que medida Werneck Viana alcança o seu objetivo de superação da modernidade econômica, deduzida das teses leninistas, pela modernização que incorpora a utopia democrática dos comunistas à crítica do discurso político no cotidiano.

A modernização entre o Oriente e o Ocidente

A recusa da aplicação das categorias moderno e indivíduo à análise tradicional da Índia levou Louis Dumont a explicar tal categoria ao Ocidente dando início após nove anos de estudo sobre o Oriente. uma reflexão comparada sobre o sistema, moderno das ideias e valores. Não foi por mero acaso a Ciência Política (pós-graduação) na Universidade Federal Fluminense escolheu denominação de “Antropolítica” para seu periódico. Vale pensar, pois inclusive o Programa de Pós-graduação de Antropologia tinha nos seus quadros Roberto da Matta, cientista social (antropólogo, como se apresentava) que tomava

a si tornar o pensamento de Louis Dumont (1967) como necessário para a compreensão da sociedade brasileira, em especial pelo “favor” ou “jeitinho”.

Vejamos como Werneck Viana elabora um recurso tipicamente oriental: converte-se em caminho para o Ocidente. A adesão de Prestes, uma personalidade em grande, instalou o PCB como ator da crise do processo de modernização. E com ele em ação o partido vai transcender em muito o reduzido efetivo de seus quadros, incidindo diretamente no plano de conjuntura, alarga a sua ressonância em segmentos da intelectualidade, nas camadas médias urbanas e na oficialidade militar. A incidência do PCB na conjuntura de radicalização nos anos 1930 e sua história como ator do processo são concebidos a partir da adesão de uma única personalidade de grande densidade política no PCB. A sociedade brasileira de então vivia um verdadeiro fervilhar, tratava-se de um fervilhar, sucedendo-se eventos de grande magnitude histórica desde os anos de 1920. A revolta dos 18 do Forte, de real impacto político.

No Brasil, todavia as novidades não têm sido muitas e podemos falar em certa perplexidade nas ocorrências políticas. Os acontecimentos também são de desamparo e os brasileiros sentem-se meio como “Zumbi” sem saber o que fazer e como fazer.

As eleições no Brasil oferecem um quadro bem curioso com várias indagações sobre a esquerda que aparece sem a postura requerida para capturar mentes e sentimentos... No que concerne a chamada direita, ocorreu bém curiosamente, numa fratura com várias direitas... Não se pode igualar a direita ao conservadorismo, sempre à espreita, seja no período republicano, seja no império. É necessário tal distinção, assim, como também a relação que agora abordamos seja no Ocidente ou no Oriente...

Do ocidente pelo Oriente

Agora vejamos a questão que diz respeito ao que se imaginava ou a certa ilusão no que concerne ao caminho (trânsito) do Estado brasileiro até um poder nacional e democrático avançado ter se mostrado como melhor via de expansão e aprofundamento da revolução sem revolução, especialmente pós 1964, o que não invalida a nosso ver, e distintamente de Luiz Werneck Viana: a presença do estado de transformação social efetiva da sociedade brasileira.

Mas, sobretudo o que gostaríamos de ressaltar na expressão “ao ocidente pelo oriente” é a latência da possibilidade de recorrer aos recursos políticos orientais sempre presentes para se chegar ao ocidente. Há aqui uma certa tensão no texto de Werneck Viana porque ao mesmo tempo que o autor fala de uma ordem burguesa viciada ao corporativo

burocrático, no cartorialismo e no nepotismo clientelístico que se nega enquanto ordem burguesa especificamente moderna ao tornar-se pesada e disfuncional; pelas marcas de Orientalismo.; ele também ressalta caber a forma ocidente – a democracia política cabe resolver o problema colonial do oriente sem que se abandonem os recursos especificamente orientais. Pois sua possibilidade será sempre latente. Se o X da questão do oriente cabe ao ocidente a democracia, a democracia política – sendo esta sua função e aquele seu limite., como apontar para sempre a possibilidade dos recursos orientais?...

Pois que. eles surgem como latência permanente...

Eles ficam como algo oculto e subentendido, porém disfarçado. Muito ao contrário, a expressão limite exprime o limite (matemático) o valor para o qual serve indefinidamente, uma variável que nunca é atingida. A recorrência aos recursos políticos orientais não pode ser concebida ao mesmo tempo como latência e limite. Ao opor os conceitos de pessoa e indivíduo, no mundo “da casa e mundo da rua”, conforme Louis Dumont, Roberto da Matta adota o ponto de vista de que só assumindo o nosso oriente é que alcançamos o Ocidente que nos toca. Uma concepção de pessoa atravessada pela de indivíduo. “Mundo da casa” apontaria para o intimismo, a intimidade, a cordialidade, conciliação, o jeitinho, tanto quanto para o corporativo burocrático. Assim, aqui chegamos finalmente: E então? Temos o que é assumir o nosso Oriente? Os conceitos de “pessoa” e “clientelismo”, exclusivismo, cartorialismo. Aqueles sentimentos e estes fenômenos sociais estariam sintetizados no favor e no arbítrio (arbítrio do favor) conferindo sentido a práticas sociais particulares de uma sociedade holística e de uma ideologia que emerge de tais práticas; referidas a ideologia do favor. Desde o Projeto Colonial e até a expansão e avanço do capitalismo os aspectos nodais e mais tipicamente holísticos ainda não teriam se rompido, chamamos a isso ideologia do favor...

Nessa perspectiva da ideologia do favor, como seria o nosso Oriente? 1) reconhecer que o favor é algo que está assentado desde a sua formação nativa, como sociedade nativa brasileira. 2) que esse favor é, antes de tudo, intimismo e sedução (prazer). 3)confrontado com a “lei da selva” em que se transforma o mundo da rua. E então, é nesse sentido vem o acolhimento e o conforto do mundo da casa. 4) reconhecer que a mudança social pode ser pensada e realizamos marcos da interdependência.

Das relações pessoais, do parentesco, ou do compadrio e do clientelismo. Para além das marcas passageiras e ocasionais, o nosso Oriente que se configurara no ethos de jeitinho, conciliação e desta conciliação, a exigir a figura singular arquetípica do brasileiro, mas sempre idealmente brasileiro... A hierarquia subjacente a este diferente é sublinhada.

Todavia, ao assumirmos nosso Oriente produzimos uma situação de encaixe na estratificação social que se não nos auxilia a suportar os privilégios dos de cima, nos conforta em podermos produzir situações de privilégio em baixo...

A lei e o conceito de indivíduo comporiam a ficção da Ideologia burguesa com seus atributos numa sociedade vocacionada para o favor. No termo destas observações acima, que correspondem à nossa interpretação sobre Roberto da Matta, um código liberal calcado nas noções de lei, da cidadania, autonomia individual, deveria ser descartado como uma utopia num meio evidentemente social e relacional. A universalidade acaba sendo percebida como uma “arma para submeter grupos em teias de relação fazendo com que possam ser controladas legal e politicamente”.

Vejamos que observamos uma mesma concepção, seja em Luiz Werneck Viana, seja em Roberto da Matta, e chegamos a uma acomodação no exclusivismo de ambos; e nós queremos uma ruptura nesse exclusivismo...

Assim, a busca do Oriente não pode desprezar o favor. Ele está presente. Pois em que consiste precisamente este signo? Partindo dos senhores de terra no Brasil (classe senhorial agrária) e dos foreiros (arrendatários da terra) deu-se a formação de amplo grupo social. Tomaram o nome de “coronéis”. A outra relação social constitutiva da nossa formação histórica das relações entre senhores de terra e escravos marcado e pela violência mais brutal, especialmente dos engenhos de açúcar que são vistos; fica, porém, o fato que os senhores dos engenhos e das terras plantadas (às vezes, ambos) maximizam o seu lado para mitigar a forte violência (contra um ou outro), pois na verdade a diversidade entre eles não é tão grande no que se refere seja ao trabalho compulsório na terra seja no engenho. Isto ocorreu ao longo dos séculos XVI. XII e XVIII. Isto ocorre em massa pelo território. Cidades, vilas, aldeias, com mais ou menos ostentação tratam de ligar a terra em si ao trabalho nos engenhos, no nascente comércio para uma mistura com o favor (Lyra Filho, 1983).

A relação do autoritarismo com o favor tem merecido a expressão paternalismo como marca mais próxima do construtivo do que do destrutivo. Mas o que dá ao favor eficácia é a participação na trama do próprio liberalismo que aqui é o selo e a marca do Ocidental.

O liberalismo amalgamado ao favor provoca a sua racionalização., isentando-o dos compromissos conservadores e com o arbítrio, pelo lado ideológico. Ao despir-se das práticas da conciliação, cordialidade de seu conteúdo conservador, mais autoritário, o liberalismo provoca alguma tensão entre o próprio padrão liberal e aquele clientelístico. Há que tomar cuidados com o liberalismo que não cede de todo e certas peculiaridades se apresentam,

uma delas e a mais importante é considerar o favor “fora de lugar” e mais incorreto seria tomar esta expressão como lugar físico e não teórico com deve ser interpretado...

E o que tem com nossas observações e análises com “O Conto da Vara” do grande Machado de Assis? Não poderia deixar de fazer isso, pois que estou a escrever do meu escritório bem em frente do terreno onde morou, no final da vida, o escritor, criador da Academia Brasileira de Letras (ABL), tendo sido seu primeiro presidente. Aqui a utilização de Machado e seu estilo literário define o método dito como “estético expressivo” por alguns “cientistas sociais” que se utilizam da cultura e da estética tal como Marcelo Neder Cerqueira (2020).

Vamos ao conto: Chama-se “O conto da vara”. O autor é aclamado como “miniaturista” das classes média e superior do Rio de Janeiro do seu tempo; mestre da sutileza, ambiguidade, das contradições do seu tempo. Vamos lá. Damião é um homem jovem que deseja sair do Seminário. Ato simples, mas que carregado de medo, pois muito temido em vista o do autoritarismo presente. Para aliviar os ânimos ele, busca então o padrinho João Carneiro. O padrinho espelha a ambiguidade e indecisão ainda não tivesse sido ele que o levava ao referido Seminário... Ora, pois que mantinha ligações com o pai de Damião. Para facilitar as coisas Damião busca a amante do padrinho para fazer o pedido a João Carneiro. Será a Sinhá Rita que fará a mediação.

E de fato esta mediação não será outra coisa que o “favor” em ação... A cumplicidade se dá a partir de Damião e Sinhá Rita, sim, senhores e senhoras. Aquilo que poderia ser denúncia se transforma em prenúncia. Quando entram na sala de visita de Sinhá

Rita, já lá estão criadas e escravas com renda, crivo e bordado. Lucrécia, uma delas interronpe o moço e observa... Como de costume uma momentânea paradinha e os olhares se encontram quando visualizam a vara. Sim, uma voz soa que a vara está pronta para quem não conseguisse chegar ao fim do trabalho a tempo e hora para exprimentá-la... o autoritarismo da escravidão. Damião pensa consigo mesmo. Se tal ocorrer a alguma delas, ele faz a promessa de tomá-la como afilhada, à negrinha que eventualmente nesse dia não tivesse concluído o trabalho. E não deu outra, pois que além de titubear quanto à sua decisão, Lucrécia não acabara o trabalho e a voz elevada foi pronunciada “A vara, passe-me a vara”... De fato. aqui afirma-se o conservadorismo na modernidade e está é a nossa primeira conclusão.

As conclusões a que chegamos:

Uma das conclusões está diretamente vinculada à questão do favor, tal como situamos acima. Mas uma outra ocorre mormente quando indagamos a nós mesmos e

diante dos impasses políticos que vivemos, e vivemos nas circunstâncias de hoje a indagar: “O que fazer?” Melhor ainda quando essas palavras nos são ditas a nós mesmos e diante de um espelho: O que fazer? Isto nos trás uma reflexão sobre o romance de Tchernychévski não apenas se apresenta como uma relíquia literária da Rússia de então, sobre o poder dos Czares, mas lança uma claridade retumbante que faz da literatura algo surpreendente, especialmente em tempos difíceis como o que estamos vivendo nesses últimos, anos destas reflexões, mas também o que poderemos realizar no presente e futuro que nos oferecem tantas indagações e mais, com tanto medo à espreita...

Entre as classes sociais subalternizadas, marginalizados e oprimidos, contudo, coloca-se como imperativo distinguir o favor da dádiva de camaradagem como sugere outro escritor, Mário de Andrade (Brito, 1979).

No nosso entendimento devemos observar em todas as frentes o quanto a presença do/s favor(es) prevalece na sociedade brasileira ainda no momento singular de vivemos.

Como citar esta resenha:

ABNT

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. LITURATERRA [Resenha: 2025, 2] Em busca do oriente perdido revisitado. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, Niterói, v. 17, n. 2, p. 365-376, maio-ago. 2025. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202517208>

APA

Cerqueira Filho, G. (2025). LITURATERRA [Resenha: 2025, 2] Em busca do oriente perdido revisitado. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, 17(2), 365-376. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202517208>

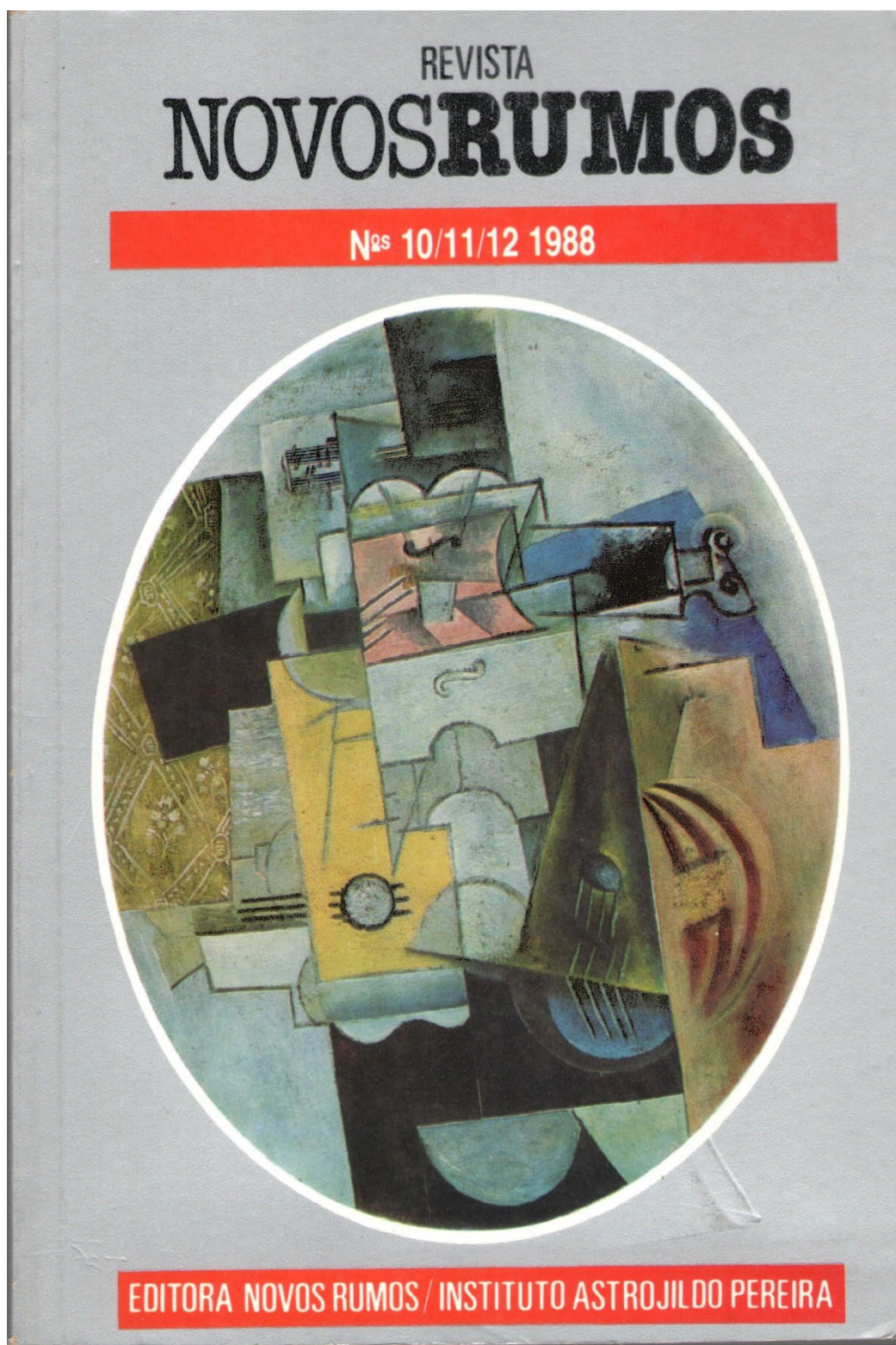
Copyright:

Copyright © 2025 Cerqueira Filho, G. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2025 Cerqueira Filho, G. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder



Referências

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhaon. *Metáforas do Poder*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BRITO, Antônio Carlos de. Alegria da Casa. *Discurso*, São Paulo, n. 11, p. 107-124, 1979. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1979.37874>

CARPENTIER, Alejo. A harpa e a sombra. Rio de Janeiro: Bertran do Brasil, 1987.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Em busca do Oriente perdido. *Sociologia e Política: Textos para discussão*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 235-264, 1988.

DUMONT, Louis. *Homo Hirarchicus*. Paris: Gallimard, 1967.

LYRA FILHO, Roberto. *Karl meu amigo*: diálogo com Marx sobre o Direito. Porto Alegre: Fabris, 1983.

NEDER CERQUEIRA, Marcelo. *No llora el lperdido!* Poder. Cultura e Modernidade na América Latina. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

VIANA, Luiz Werneck. *Questão nacional e democracia*: o ocidente incompleto do PCB. [S.l.: s.n.], 1988. Mimeo.